

Impacto da nutrição mineral no crescimento inicial do pinhão-mansó

Déborah Laurentino de Morais¹, Ricardo Almeida Viégas², Renata Figueiredo Marinho³

¹Engenheira Florestal, Instituto Fazenda Tamanduá – Fazenda Tamanduá, Santa Terezinha, PB – Fone: (83) 3422.7061 (83) 9951.6270. deborahflorest@yahoo.com.br

²Prof. Dr. da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB

³Estudante do curso de Engenharia Florestal da Universidade Federal de Campina Grande, Patos, PB

Com o objetivo de avaliar o impacto da nutrição mineral no desenvolvimento e crescimento de plantas de pinhão-mansó (*Jatropha curcas* L.). Sementes desta espécie foram germinadas em vasos plásticos contendo 20 L areia lavada. Decorridos 40 dias da germinação, uma população homogênea de plantas foi selecionada, deixando-se uma por vaso, e o experimento iniciado. O delineamento estatístico utilizado foi inteiramente casualizado e os tratamentos (T2, T3, T4 e T5) consistiram, respectivamente, da irrigação das plantas com soluções nutritivas com diferentes forças iônicas (0,2, 0,4, 0,6 e 0,8 da força iônica original da solução de Hoagland). No tratamento controle (T1), as plantas foram irrigadas com água de açude. No período que antecedeu a aplicação dos tratamentos todas as plantas foram irrigadas com solução de Hoagland com força iônica 0,2. Na fase experimental, as irrigações foram diárias e, a cada 5 dias, o substrato foi lavado com água de açude (0,3 dS/m) em quantidade suficiente para provocar lixiviação e evitar o acúmulo de sais solúveis no substrato. As variáveis estudadas foram altura da planta, número e massa seca das folhas. As medições, para as duas primeiras variáveis, foram realizadas em intervalos de 5 dias. Decorridos 35 dias da primeira medição, as folhas de todas as plantas foram coletadas, secadas em estufa, a 70 °C, até peso constante, para determinação das suas massas secas. O aumento da força iônica da solução até 0,4 (T3) provocou acréscimos ($P < 0,01$), em relação ao controle, em todas variáveis estudadas, especialmente na massa seca foliar. As massas secas foliares nos tratamentos T3, T4 e T5 ($P > 0,01$), foram, em média, 25 e 50% maiores que as registradas no tratamento T2 (força iônica 0,2) e no controle experimental (T1), respectivamente.